

## OPINIÃO

**SITUAÇÃO DA AGRICULTURA EM PORTUGAL – APRESENTAÇÃO DOS DADOS MAIS RECENTES**

Este trabalho vem no seguimento de várias análises elaboradas sobre o sector agrícola em Portugal e tem como finalidade a actualização de alguns parâmetros relativos ao sector.

**A evolução da Superfície Agrícola Utilizada (SAU) e sua gestão; as explorações agrícolas**

Segundo o “Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas” de 2013, elaborado pelo INE, pode-se concluir o seguinte:

- Em 2013 foram contabilizadas 264,4 mil explorações, menos 40,8 mil explorações do que em 2009 (ano de comparação), ou seja, um decréscimo de 13.4%. Evolução ocorrida em todo o território, com maior expressão em Lisboa (-19.4%) e no Centro (-17.9%).

- Contudo, a Superfície Agrícola Utilizada (SAU) não sofreu alterações com o abandono de actividade de inúmeros produtores. A SAU representa 3.6 milhões de hectares, cerca de 39.5% do território nacional.

**Número de explorações, SAU, e dimensão média por NUTS II (variação 2009-2013)**

NUTS II	Explorações		SAU*		SAU média por exploração hect./expl.	Variação 2009-2013		
	nº	%	hect.	%		nº expl. %	SAU %	hect./expl. %
<b>Portugal</b>	264,419	100.0%	3,641,592	100.0%	13.8	-13.4%	-0.7%	14.6%
<b>Continente</b>	240,527	91.0%	3,517,740	96.6%	14.6	-13.5%	-0.7%	14.8%
Norte	98,824	37.4%	646,610	17.8%	6.5	-10.8%	0.4%	12.6%
Centro	86,291	32.6%	558,021	15.3%	6.5	-17.9%	-2.1%	19.2%
Lisboa	6,128	2.3%	74,366	2.0%	12.1	-19.4%	-15.1%	5.3%
Alentejo	37,727	14.3%	2,146,508	58.9%	56.9	-10.6%	-0.3%	11.5%
Algarve	11,557	4.4%	92,234	2.5%	8.0	-6.7%	4.5%	11.9%
<b>Açores</b>	11,825	4.5%	118,589	3.3%	10.0	-12.7%	-1.5%	12.8%
<b>Madeira</b>	12,068	4.6%	5,262	0.1%	0.4	-11.3%	-3.1%	9.3%

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Nota: \*Superfície Agrícola Utilizada (terras aráveis, culturas permanentes, pastagens permanentes e horta familiar).

- A dimensão média das explorações agrícolas (SAU por exploração) aumentou 14.6%, passando de 12.0 hectares em 2009 para 13.8 hectares em 2013. Face aos restantes dados, pode-se concluir que tem havido um processo muito gradual de emparcelamento e de concentração no país, ao longo dos anos.

- A dimensão média das explorações é heterogénea, com o Alentejo a apresentar 56.9 hectares de SAU, superior em quatro vezes o valor médio nacional (13.8 hectares). A menor dimensão média é no Norte e no Centro (6.5 hectares). É também no Alentejo que se concentra mais de metade da SAU nacional, com 58.9%, seguindo-se o Norte com 17.8% e o Centro com 15.3%.

**Número de explorações e SAU, por classes de SAU (variação 2009-2013)**

Classes de SAU*	Explorações		SAU*		Variação 2009-2013	
	nº	%	hect.	%	nº expl. %	SAU %
<b>Total</b>	<b>264,419</b>	<b>100.0%</b>	<b>3,641,592</b>	<b>100.0%</b>	<b>-13.4%</b>	<b>-0.7%</b>
< 1 hectare	52,348	19.8%	27,541	0.8%	-20.7%	-21.4%
1 a < 5 hectares	138,800	52.5%	311,505	8.6%	-15.8%	-13.9%
5 a < 20 hectares	49,666	18.8%	474,534	13.0%	-4.8%	-3.6%
20 a < 50 hectares	12,902	4.9%	397,697	10.9%	9.9%	11.1%
50 a < 100 hect.	4,658	1.8%	322,838	8.9%	6.9%	6.5%
100 a < 500 hect.	4,924	1.9%	1,054,957	29.0%	-1.2%	-3.9%
500 a < 1 000 hect.	845	0.3%	575,209	15.8%	-1.4%	-0.8%
>= 1000 hectares	275	0.1%	477,309	13.1%	3.4%	8.4%

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Nota: \*Superfície Agrícola Utilizada.

- Do nº total de explorações, perto de 2/3 tem uma dimensão muito reduzida (19.8% tem menos de 1 hectare e 52.5% variam entre 5 e 1 hectare, ou seja, 191 148 explorações), e representam 9.4% da SAU nacional. Do lado oposto, existem 275 explorações com mais 1 000 hectares (apenas 0.1% do total de explorações) que detêm 13.1% da SAU total. Entretanto, é

ao nível da exploração de média dimensão, entre 100 e 500 hectares (1.9% do total de explorações), que concentra a maior percentagem da SAU, 29.0%.

- Perante a variação do nº de explorações, por classe de SAU, confirma-se igualmente o movimento de emparcelamento. Ou seja, o aumento da dimensão das propriedades.

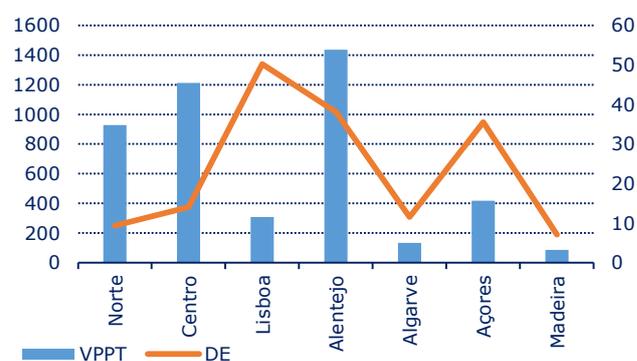
- O Valor da Produção Padrão Total<sup>1</sup> (VPPT) nacional atingiu os 4.5 mil milhões de euros em 2013 (-2.5% que em 2009), contribuindo o Alentejo com praticamente 1/3 desse valor (31.8%), seguindo o Centro com 26.8% e o Norte com 20.5%. Em média, cada exploração agrícola gera 17.1 mil euros de VPPT correspondendo, em relação a 2009, a um aumento de 12.5% na Dimensão Económica<sup>2</sup> (DE) média das explorações.

- Regionalmente observa-se uma grande diferença em termos de DE, com as explorações de Lisboa, Alentejo e Açores a gerarem em média, 50.2, 38.1 e 35.5 mil euros de VPPT. Lisboa e os Açores são quem tem uma maior DE face ao VPPT. Alentejo, Norte e Centro têm uma DE reduzida em comparação ao VPPT.

- Mais de ¾ das explorações são muito pequenas, gerando menos de 8 mil euros por ano.

#### Valor da Produção Padrão Total (VPPT) e Dimensão Económica (DE) das explorações, 2013

(milhões de euros; mil euros)



Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas

#### Número de explorações, VPPT e SAU, por OTE<sup>3</sup> (2013)

Orientação Técnico Económica (OTE)	Explorações		Valor da Produção Padrão Total (VPPT)			SAU*	
	nº	%	10 000 €	%	10 000 €/expl.	hect.	%
<b>Total</b>	<b>264,419</b>	<b>100.0%</b>	<b>4,522,865</b>	<b>100.0%</b>	<b>17.1</b>	<b>3,641,592</b>	<b>100.0%</b>
<b>Explorações especializadas</b>	<b>182,605</b>	<b>69.1%</b>	<b>3,912,757</b>	<b>86.5%</b>	<b>21.4</b>	<b>2,859,252</b>	<b>78.5%</b>
Culturas arvenses	28,726	10.9%	572,424	12.7%	19.9	549,147	15.1%
Das quais: Horticultura extensiva	2,481	0.9%	204,531	4.5%	82.4	35,617	1.0%
Horticultura intensiva e floricultura	9,501	3.6%	448,953	9.9%	47.3	25,802	0.7%
Das quais: Em estufa/abrigo alto	2,344	0.9%	215,102	4.8%	91.8	4,813	0.1%
Culturas permanentes	97,795	37.0%	743,841	16.4%	7.6	620,148	17.0%
Das quais: Vinha	29,849	11.3%	222,876	4.9%	7.5	159,264	4.4%
Frutos frescos, casca rija e citrinos	27,456	10.4%	387,733	8.6%	14.1	196,495	5.4%
Olival	22,305	8.4%	52,096	1.2%	2.3	147,992	4.1%
Herbívoros	42,269	16.0%	1,582,105	35.0%	37.4	1,638,325	45.0%
Dos quais: Bovinos de leite	6,431	2.4%	796,234	17.6%	123.8	136,880	3.8%
Bonivos de carne	15,206	5.8%	482,277	10.7%	31.7	882,819	24.2%
Bovinos de leite e carne	564	0.2%	21,641	0.5%	38.4	12,223	0.3%
Ovinos, caprinos e outros	20,068	7.6%	281,954	6.2%	14.0	606,403	16.7%
Granívoros	4,313	1.6%	565,434	12.5%	131.1	25,831	0.7%
Dos quais: Suínos	1,132	0.4%	280,394	6.2%	247.8	17,184	0.5%
Aves	1,128	0.4%	266,181	5.9%	236.0	4,627	0.1%
<b>Explorações mistas ou combinadas</b>	<b>80,690</b>	<b>30.5%</b>	<b>610,108</b>	<b>13.5%</b>	<b>7.6</b>	<b>765,097</b>	<b>21.0%</b>
Policultura	28,145	10.6%	218,383	4.8%	7.8	195,857	5.4%
Polipequária	11,626	4.4%	72,021	1.6%	6.2	77,999	2.1%
Mistas de culturas de criação de gado	40,918	15.5%	319,705	7.1%	7.8	491,241	13.5%
<b>Explorações não classificadas</b>	<b>1,125</b>	<b>0.4%</b>	<b>0</b>	<b>0.0%</b>	<b>0.0</b>	<b>17,243</b>	<b>0.5%</b>

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Nota: \*Superfície Agrícola Utilizada.

(<sup>1</sup>) Valor de Produção Padrão (VPP) é o valor monetário médio da produção agrícola numa dada região, obtido a partir dos preços de venda à porta da exploração. É expresso em euros por hectare ou cabeça de gado, conforme o sistema de produção, e corresponde à valorização mais frequente que as diferentes produções agrícolas têm em determinada região. O Valor de Produção Padrão Total (VPPT) corresponde à soma dos diferentes VPP obtidos para cada actividade, multiplicando os V unidades (de área ou de efectivo) existentes dessa actividade na exploração.

(<sup>2</sup>) Dimensão Económica (DE) é definida com base no VPPT da exploração, sendo expressa em euros.

(<sup>3</sup>) Orientação Técnico Económica (OTE) determina-se avaliando a contribuição de cada actividade para a soma do VPPT dessa exploração.

**OPINIÃO**

- Em termos das características das explorações existentes, 69.1% são especializadas, contra 30.5% mistas ou combinadas. Do total, com 37.0% destacam-se as culturas permanentes: 11.3% correspondem a vinha; 10.4% às frutas frescas, casca rija e citrinos; e 8.4% representam o olival.

- Mas a realidade é diferente se a análise incidir sobre o VPPT ou a SAU. Em ambos os aspectos destaca-se, em termos relativos, a actividade pecuária (Herbívoros) com 35.0% e 45.0%, respectivamente. Daqui salienta-se tanto os bovinos de leite (17.6% do VPPT), como os bovinos de carne (10.7% do VPPT e 24.2% da SAU.). Também os suínos e as aves (Granívoros) mostram um peso importante. Confirma-se igualmente o peso económico e territorial das já referidas culturas permanentes, e ainda as culturas arvenses (Horticultura e cereais).

- As explorações agrícolas ocupam uma superfície total de 4.6 milhões de hectares, correspondendo a 50,2% do território nacional. Da superfície total das explorações, 78.7% são SAU e 17.5% matos e florestas sem cultura.

**Composição da superfície total das explorações, por NUTS II (2013)**

NUTS II	SAU*	Matos e florestas sem culturas	SANU**	Outras superfícies	hectares
					Superfície Total
<b>Portugal</b>	3,641,592	807,638	100,959	75,507	4,625,696
<b>Continente</b>	3,517,740	800,482	99,394	74,626	4,492,242
Norte	646,610	239,666	34,308	14,972	935,556
Centro	558,021	223,543	24,251	15,666	821,481
Lisboa	74,366	11,999	1,774	2,429	90,569
Alentejo	2,146,508	280,576	15,939	39,417	2,482,440
Algarve	92,234	44,698	23,122	2,141	162,196
<b>Açores</b>	118,589	5,722	512	507	125,330
<b>Madeira</b>	5,262	1,434	1,053	375	8,124

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Notas: \*Superfície Agrícola Utilizada; \*\*Superfície Agrícola Não Utilizada.

**Composição da superfície total das explorações, por NUTS II (2013)**

NUTS II	SAU*	Matos e florestas sem culturas	SANU**	Outras superfícies	Superfície Total
<b>Portugal</b>	78.7%	17.5%	2.2%	1.6%	100.0%
<b>Portugal</b>	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%
<b>Continente</b>	96.6%	99.1%	98.4%	98.8%	97.1%
Norte	17.8%	29.7%	34.0%	19.8%	20.2%
Centro	15.3%	27.7%	24.0%	20.7%	17.8%
Lisboa	2.0%	1.5%	1.8%	3.2%	2.0%
Alentejo	58.9%	34.7%	15.8%	52.2%	53.7%
Algarve	2.5%	5.5%	22.9%	2.8%	3.5%
<b>Açores</b>	3.3%	0.7%	0.5%	0.7%	2.7%
<b>Madeira</b>	0.1%	0.2%	1.0%	0.5%	0.2%

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Notas: \*Superfície Agrícola Utilizada; \*\*Superfície Agrícola Não Utilizada.

- Mais uma vez, o Alentejo sobressai com a maior representação na SAU, nos matos e florestas sem culturas, na SANU e em outras superfícies. Da superfície total das explorações, o Alentejo detém 53.7%, seguindo-se o Norte e o Centro.

- Entre 2009 e 2013, a superfície das explorações decresceu 1.8%, tendo a maior variação ocorrido na SANU (um decréscimo de 20.9%). O facto de ter havido uma diminuição das áreas com potencial agrícola, mas que não estão a ser aproveitadas para esse fim, é um indicador positivo de actividade agrícola, confirmando o actual dinamismo do sector.

## Composição da SAU, por NUTS II (2013)

hectares

NUTS II	Terras aráveis			Horta familiar	Culturas permanentes		Pastagens permanentes	SAU*
	Culturas temp.	Pousio	Total		Excepto pinheiro	Total		
<b>Portugal</b>	767,789	333,072	1,100,861	15,381	642,535	708,765	1,816,585	3,641,592
<b>Continente</b>	748,281	333,031	1,081,312	14,473	638,073	704,302	1,717,653	3,517,740
Norte	140,953	46,633	187,586	6,617	223,579	223,659	228,748	646,610
Centro	152,639	40,477	193,116	5,420	141,793	148,445	211,041	558,022
Lisboa	30,771	4,058	34,829	222	10,824	12,990	26,325	74,366
Alentejo	412,129	228,644	640,773	1,754	217,930	272,569	1,231,411	2,146,507
Algarve	11,789	13,218	25,007	460	43,946	46,638	20,129	92,234
<b>Açores</b>	17,345	-	17,345	762	2,073	2,073	98,410	118,590
<b>Madeira</b>	2,163	42	2,205	146	2,389	2,389	522	5,262

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.  
Nota: \*Superfície Agrícola Utilizada.

## Composição da SAU, por NUTS II (2013)

NUTS II	Terras aráveis			Horta familiar	Culturas permanentes		Pastagens permanentes	SAU*
	Culturas temp.	Pousio	Total		Excepto pinheiro	Total		
<b>Portugal</b>	<b>21.1%</b>	<b>9.1%</b>	<b>30.2%</b>	<b>0.4%</b>	17.6%	<b>19.5%</b>	<b>49.9%</b>	100.0%
<b>Portugal</b>	100.0%	100.0%	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	100.0%	<b>100.0%</b>	<b>100.0%</b>	100.0%
<b>Continente</b>	97.5%	100.0%	<b>98.2%</b>	<b>94.1%</b>	99.3%	<b>99.4%</b>	<b>94.6%</b>	96.6%
Norte	18.4%	14.0%	<b>17.0%</b>	<b>43.0%</b>	34.8%	<b>31.6%</b>	<b>12.6%</b>	17.8%
Centro	19.9%	12.2%	<b>17.5%</b>	<b>35.2%</b>	22.1%	<b>20.9%</b>	<b>11.6%</b>	15.3%
Lisboa	4.0%	1.2%	<b>3.2%</b>	<b>1.4%</b>	1.7%	<b>1.8%</b>	<b>1.4%</b>	2.0%
Alentejo	53.7%	68.6%	<b>58.2%</b>	<b>11.4%</b>	33.9%	<b>38.5%</b>	<b>67.8%</b>	58.9%
Algarve	1.5%	4.0%	<b>2.3%</b>	<b>3.0%</b>	6.8%	<b>6.6%</b>	<b>1.1%</b>	2.5%
<b>Açores</b>	2.3%	-	<b>1.6%</b>	<b>5.0%</b>	0.3%	<b>0.3%</b>	<b>5.4%</b>	3.3%
<b>Madeira</b>	0.3%	0.0%	<b>0.2%</b>	<b>0.9%</b>	0.4%	<b>0.3%</b>	<b>0.0%</b>	0.1%

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.  
Nota: \*Superfície Agrícola Utilizada.

- Na composição da SAU destaca-se a seguinte divisão relativa: 49.9% são pastagens permanentes; 19.5% são culturas permanentes; 30.2% são terras aráveis (21.1% culturas temporárias e 9.1% de pousio); 0.4% correspondem a hortas familiares.

- O Alentejo, dada a sua extensão e diversidade concentra 67.8% das pastagens permanentes, 58.2% das terras aráveis, 38.5% das culturas permanentes e apenas 11.4% das hortas familiares. O Norte, por seu turno, regista uma importância diferente. Detém 12.6% das pastagens permanentes, 31.6% das culturas permanentes, 17.0% das terras aráveis e 43.0% das hortas familiares.

## Animais efectivos por NUTS II (2013)

NUTS II	Bovinos				Suínos				Ovinos				Caprinos			
	Explorações		Cabeças		Explorações		Cabeças		Explorações		Cabeças		Explorações		Cabeças	
	nº	%	10 <sup>3</sup> nº	%	nº	%	10 <sup>3</sup> nº	%	nº	%	10 <sup>3</sup> nº	%	nº	%	10 <sup>3</sup> nº	%
<b>Portugal</b>	40,733	100.0%	1,407	100.0%	40,591	100.0%	1,845	100.0%	44,065	100.0%	2,067	100.0%	28,444	100.0%	383	100.0%
<b>Continente</b>	32,820	80.6%	1,146	81.4%	35,829	88.3%	1,802	97.6%	42,197	95.8%	2,057	99.5%	24,701	86.8%	369	96.4%
Norte	19,195	47.1%	323	22.9%	14,364	35.4%	67	3.6%	14,521	33.0%	380	18.4%	5,515	19.4%	94	24.6%
Centro	8,413	20.7%	169	12.0%	17,513	43.1%	618	33.5%	16,928	38.4%	505	24.4%	15,169	53.3%	151	39.4%
Lisboa	479	1.2%	36	2.6%	431	1.1%	121	6.5%	1,443	3.3%	50	2.4%	492	1.7%	9	2.5%
Alentejo	4,414	10.8%	607	43.1%	2,371	5.8%	981	53.1%	8,527	19.4%	1,082	52.4%	2,751	9.7%	98	25.5%
Algarve	319	0.8%	11	0.8%	1,149	2.8%	15	0.8%	777	1.8%	40	1.9%	773	2.7%	17	4.5%
<b>Açores</b>	6,878	16.9%	257	18.3%	2,874	7.1%	39	2.1%	767	1.7%	4	0.2%	1,642	5.8%	7	1.8%
<b>Madeira</b>	1,035	2.5%	5	0.3%	1,888	4.7%	5	0.2%	1,102	2.5%	6	0.3%	2,101	7.4%	7	1.8%

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

**OPINIÃO**

- Face a 2009 registou-se um decréscimo de 6.2% das terras aráveis (a sua importância relativa passou de 32.0% para 30.2% em 2013). Por sua vez, as culturas permanentes e as pastagens permanentes aumentaram a área e ganharam maior peso relativo.

- Entre 2009 e 2013, a importância de cada espécie animal manteve-se sem alteração significativa. Os ovinos registam a maior dimensão comparativamente aos restantes animais (36.3% do efectivo total), com 2067 mil cabeças, seguindo-se os suínos com 1845 mil cabeças (32.4%), os bovinos com 1407 mil cabeças (24.7%) e os caprinos com 383 mil cabeças (6.7%).

- À excepção dos caprinos, o Alentejo é a principal região pecuária do país, registando uma elevada concentração de sistemas de produção animal. Também é a região onde é maior o rácio entre o nº de cabeças por exploração, superando em muitas vezes as restantes regiões.

- Em termos gerais, de 2009 a 2013 verificou-se um aumento do número médio de animais por exploração.

- Com a concentração da população residente no norte do país (34.9%), também é aqui que se encontra o maior número de população agrícola familiar (conjunto de pessoas que fazem parte do agregado doméstico do produtor singular, quer trabalhem ou não na exploração, bem como de outros membros da família que não pertencendo ao agregado doméstico, participam regularmente nos trabalhos agrícolas da exploração)(39.0%), a que não é estranho o peso significativo da horta familiar.

**Animais por exploração, por NUTS II (2013)**

NUTS II	Bovinos nº cab./ expl.	Suínos nº cab./ expl.	Ovinos nº cab./ expl.	Caprinos nº cab./ expl.
<b>Portugal</b>	34.5	45.5	46.9	13.5
<b>Continente</b>	34.9	50.3	48.8	15.0
Norte	16.8	4.7	26.2	17.1
Centro	20.1	35.3	29.8	9.9
Lisboa	75.2	279.8	34.5	19.1
Alentejo	137.5	413.6	126.9	35.4
Algarve	34.0	12.9	51.4	22.5
<b>Açores</b>	37.4	13.5	5.5	4.2
<b>Madeira</b>	4.4	2.4	5.2	3.2

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

**População agrícola familiar, por NUTS II (variação 2009-2013)**

NUTS II	Pop. residente 2013		População agrícola familiar			
	nº	%	nº	%	Var. 2009-13	% na pop. resid.
<b>Portugal</b>	10,427,301	100.0%	674,573	100.0%	-15.0%	6.5%
<b>Continente</b>	9,918,548	95.1%	604,926	89.7%	-14.8%	6.1%
Norte	3,644,195	34.9%	263,070	39.0%	-12.9%	7.2%
Centro	2,281,164	21.9%	222,772	33.0%	-16.9%	9.8%
Lisboa	2,807,525	26.9%	14,886	2.2%	-17.0%	0.5%
Alentejo	743,306	7.1%	79,739	11.8%	-14.0%	10.7%
Algarve	442,358	4.2%	24,460	3.6%	-16.3%	5.5%
<b>Açores</b>	247,440	2.4%	34,670	5.1%	-18.4%	14.0%
<b>Madeira</b>	261,313	2.5%	34,977	5.2%	-14.2%	13.4%

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

A população agrícola familiar é constituída por 674.6 mil indivíduos, o que representa 6.5% da população residente no país.

- Nos Açores, Madeira e Alentejo, o peso relativo da população agrícola familiar na população destas regiões é o mais significativo, respectivamente 14.0%, 13.4% e 10.7%. Em todas as regiões ocorreu uma diminuição entre 13% a 18% da população agrícola familiar.

- Junta-se à população agrícola familiar os trabalhadores permanentes assalariados (que trabalham com regularidade na exploração), correspondendo a um total de 60.6 mil indivíduos (+20.5% em relação a 2009).

- A mão-de-obra assalariada permanente, que tem maior representatividade no Norte (31.4%) e no Alentejo (30.4%), contribuiu com 48.5 mil UTA, o que representa 14.8% do volume total de mão-de-obra agrícola (11.3% em 2009).

**Animais por exploração, por NUTS II (2013)**

NUTS II	Total de trabalhadores permanentes assalariados			
	nº ind.	%	UTA <sup>(4)</sup>	nº expl.
<b>Portugal</b>	60,562	100.0%	48,493	20,762
<b>Continente</b>	57,217	94.5%	46,010	19,105
Norte	19,016	31.4%	14,268	7,332
Centro	12,458	20.6%	10,109	4,154
Lisboa	4,082	6.7%	3,506	988
Alentejo	18,516	30.6%	15,452	5,935
Algarve	3,145	5.2%	2,675	695
<b>Açores</b>	1,932	3.2%	1,535	1,029
<b>Madeira</b>	1,413	2.3%	948	628

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas.

Nota: \*Unidade de Trabalho Ano

<sup>(4)</sup> Unidade de Trabalho Ano (UTA) é uma unidade de medida que representa o trabalho de uma pessoa a tempo completo, realizado num ano medido em horas (1 UTA = 225 dias de trabalho a 8 horas por dia).

- A mão-de-obra agrícola baseia-se essencialmente na estrutura familiar, dado que mais de ¾ do volume de trabalho (76.1%) provém da população agrícola familiar, em particular o produtor. O recurso à prestação de serviços agrícolas ainda é residual (1.6% da mão-de-obra agrícola).

- Apesar do decréscimo do volume de trabalho agrícola, de 367 393 em 2009 para 328 658 em 2013 (-10.5%), tem acontecido uma melhoria dos indicadores laborais relacionados com a produtividade e eficiência do trabalho. Cada UTA gera em média 13.8 mil euros (mais 1.1 mil euros que em 2009). Para explorar 100 hectares de SAU são necessárias 9 UTA (-1 UTA que em 2009). Estes resultados confirmam uma agricultura mais eficiente, produtiva e rentável.

- A Região Autónoma dos Açores e o Alentejo apresentam as explorações com maior produtividade média, por oposição ao Norte e à Região Autónoma da Madeira.

### Indicadores estruturais e sociais na UE (2010)

Países	Estruturais						Sociais		
	SAU média por expl.	Expl. Com menos de 2 hect. de SAU	SAU das expl. Com mais de 100 hect.	DE (VPPT por expl.)	Volume de trabalho por expl.	VPPT por UTA	SAU por unidade de trabalho	Dirigente da expl. Com 65 e mais anos	+ de 50% da prod. p/ auto-consumo
	hect./ expl.	%	%	euros/ expl.	UTA/expl.	euros/ UTA	hect./UTA	%	%
UE 28	14.4	48.0%	50.7%	25,152	0.8	30,974	17.7	29.0%	10.0%
Alemanha	55.8	4.8%	55.1%	138,716	1.8	76,066	30.6	5.0%	0.0%
Áustria	19.2	10.8%	18.4%	39,151	0.8	51,451	25.2	8.0%	0.0%
Bélgica	31.7	10.2%	24.6%	169,143	1.4	117,754	22.1	20.0%	-
Bulgária	12.1	82.5%	82.4%	6,847	1.1	6,240	11	37.0%	48.0%
Chipre	3.0	74.8%	16.7%	11,809	0.5	24,685	6.4	33.0%	52.0%
Croácia	5.6	52.6%	19.1%	9,065	0.8	11,463	7	32.0%	49.0%
Dinamarca	62.9	1.3%	66.1%	200,257	1.2	161,201	51	19.0%	0.0%
Eslováquia	77.5	36.8%	91.1%	70,769	2.3	30,850	34	23.0%	53.0%
Eslovénia	6.5	27.2%	6.8%	12,233	1.0	11,914	6	30.0%	60.0%
Espanha	24.0	27.9%	55.1%	34,525	0.9	38,441	27	30.0%	0.0%
Estónia	48.0	11.4%	73.2%	30,320	1.3	23,670	37	28.0%	30.0%
Finlândia	35.9	2.3%	24.6%	48,499	0.9	51,861	38	10.0%	0.0%
França	53.9	13.1%	59.1%	98,301	1.5	65,071	36	12.0%	4.0%
Grécia	7.2	51.2%	37.7%	9,505	0.6	16,001	12	33.0%	16.0%
Holanda	25.9	11.3%	18.3%	261,753	2.2	117,076	12	18.0%	0.0%
Hungria	8.1	77.3%	64.7%	9,086	0.7	12,376	11	29.0%	79.0%
Irlanda	35.7	1.6%	23.0%	30,722	1.2	25,990	30	25.0%	0.0%
Itália	7.9	50.7%	26.2%	30,514	0.6	51,857	13	37.0%	40.0%
Letónia	21.5	11.5%	47.0%	9,320	1.0	9,127	21	30.0%	71.0%
Lituânia	13.7	16.2%	41.6%	7,635	0.7	10,399	19	35.0%	57.0%
Luxemburgo	59.6	9.2%	50.4%	122,072	1.7	72,584	35	14.0%	-
Malta	0.9	88.5%	-	7,653	0.4	19,690	2	26.0%	52.0%
Polónia	9.6	23.7%	21.6%	12,602	1.3	10,008	8	8.0%	34.0%
<b>Portugal (2013)</b>	<b>13.8</b>	<b>46.2%</b>	<b>57.9%</b>	<b>17,105</b>	<b>1.2</b>	<b>13,762</b>	<b>11</b>	<b>50.0%</b>	<b>19.0%</b>
Reino Unido	90.4	2.5%	73.9%	104,684	1.4	73,438	63	28.0%	-
República Checa	152.4	8.8%	88.6%	168,513	4.7	35,672	32	13.0%	10.0%
Roménia	3.4	73.3%	48.9%	2,700	0.4	6,471	8	38.0%	93.0%
Suécia	43.1	0.8%	51.8%	52,515	0.8	65,670	54	26.0%	0.0%

Fonte: Eurostat.

- A dimensão média das explorações agrícolas em Portugal é muito semelhante à média das explorações da UE28, 13.8 hectares de SAU por exploração (2013) versus 14.4 hectares (2010), respectivamente. Em termos da pequena agricultura, a representatividade é igualmente muito semelhante entre o valor relativo de Portugal e da UE28, 46.2% (2013) contra 48.0% (2010). No entanto, em Portugal existe uma maior concentração da SAU nas explorações de grande dimensão (mais de 100 hectares de SAU) perante a média da UE28, a relação é de 57.9% para 50.7%.

**OPINIÃO**

- As regiões portuguesas, à excepção do Alentejo, apresentam das mais baixas dimensões médias das explorações na Europa (<10 hectares por exploração). Por sua vez, a região do Alentejo apresenta explorações de maior dimensão, que rivalizam com as de Espanha e do norte e centro da Europa.

- Se a análise incidir sobre a DE média das explorações, em comparação com a Europa, a realidade é bem diferente da dimensão física. De facto, o VPPT médio das explorações portuguesas é bastante inferior ao das explorações da UE28 (17.1 versus 25.2 mil euros, respectivamente).

- Também os indicadores laborais são pouco competitivos comparativamente à média da UE28. A produtividade média da mão-de-obra agrícola na UE28 aproxima-se dos 31 mil euros de VPPT por UTA, mais do dobro da alcançada em Portugal (14 mil euros).

- Outras duas características limitativas do desenvolvimento e sustentabilidade da agricultura nacional comparativamente à europeia são: a idade elevada dos dirigentes das explorações agrícolas em Portugal em relação às explorações europeias (em Portugal 50% dos dirigentes agrícolas têm mais de 65 anos, enquanto na UE28 esse valor é de 29%); se considerarmos que mais de metade da produção agrícola é para auto-consumo, em Portugal esse facto é verdade em 19% dos casos, enquanto na UE28 representa 10%.

**Utilização das terras/sistema produtivo na UE (2010)**

Países	Terra arável na SAU*	Culturas permanentes na SAU*	Pastagens permanentes na SAU*	Superfície irrigável na SAU*	CN** por exploração CN/expl.
	%				
UE 28	59.1	6.1	34.6	8.3	11
Alemanha	70.9	1.2	27.9	3.8	59
Áustria	47.6	2.3	50.0	3.2	17
Bélgica	61.6	1.6	36.8	1.0	89
Bulgária	69.8	2.2	27.7	3.1	3
Chipre	71.7	26.5	1.8	34.0	5
Croácia	68.0	5.9	25.8	1.8	4
Dinamarca	91.4	1.0	7.6	18.2	117
Eslováquia	70.9	1.0	28.0	5.7	27
Eslovénia	35.0	5.6	59.2	1.1	7
Espanha	47.5	17.2	35.3	15.1	15
Estónia	68.0	0.3	31.5	0.0	16
Finlândia	98.4	0.2	1.4	3.0	18
França	66.0	3.7	30.2	8.4	44
Grécia	34.1	18.4	47.3	25.1	3
Holanda	54.6	2.0	43.4	26.0	93
Hungria	81.0	3.2	15.4	5.0	4
Irlanda	20.3	0.0	79.7	0.0	41
Itália	54.5	18.5	26.7	29.1	6
Letónia	62.3	0.5	36.2	0.1	6
Lituânia	77.1	0.8	22.1	0.1	5
Luxemburgo	47.3	1.1	51.6	-	76
Malta	79.3	10.9	0.0	27.5	3
Polónia	74.7	2.7	22.4	0.6	7
<b>Portugal (2013)</b>	<b>30.2</b>	<b>19.5</b>	<b>49.9</b>	<b>15.1</b>	<b>7</b>
Reino Unido	35.2	0.2	64.6	0.6	71
República Checa	72.3	1.1	26.7	0.9	75
Roménia	62.4	2.3	33.9	3.1	1
Suécia	85.2	0.1	14.7	5.4	25

Fonte: Eurostat.

- A ocupação e utilização das terras entre os países da UE28 é muito diversificada. No Norte da Europa predominam as terras aráveis: Finlândia com 98.4%; Dinamarca com 91.4%; Suécia com 85.2% (Em Portugal, as terras aráveis tem uma expressão de 30%). No Centro da Europa existe um maior equilíbrio entre terras aráveis e pastagens permanente. Nos países do Sul,

por conseguinte, as culturas permanentes têm a sua maior expressão. São as culturas tipicamente mediterrânicas onde predominam os pomares, o olival e a vinha.

- A UE28 tem 6.1% de culturas permanentes na SAU, que compara com os 19.5% de Portugal (o maior valor a seguir aos 26.5% de Chipre). Por outro lado, Portugal tem uma larga percentagem de pastagens permanentes na SAU, 49.9%, acima dos 34.6% da média da UE28. Restam os 30.2% de terras aráveis, quando a média da UE28 é de 59.1%. Estas características explicam a importância na produção agrícola nacional do azeite, do vinho e das frutas.

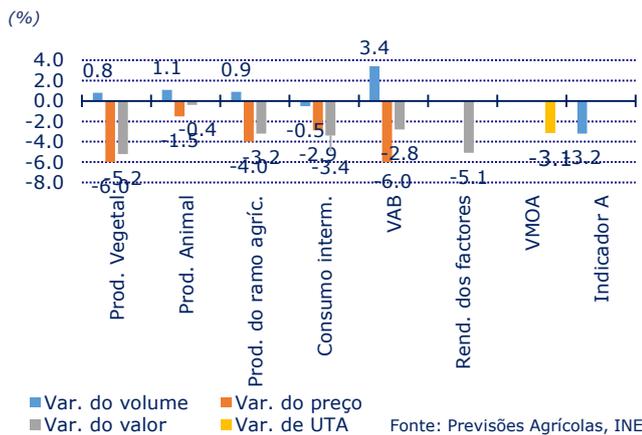
- Na pecuária, em termos comparativos, a expressão das explorações portuguesas é reduzida. O nº de cabeças por exploração é de 7 em Portugal, 11 na UE28, 117 na Dinamarca, 93 na Holanda e 89 na Bélgica. Nos países com maior rácio pratica-se uma pecuária intensiva, nomeadamente ao nível da suinicultura industrial.

### As Contas Económicas da Agricultura; as principais produções agrícolas

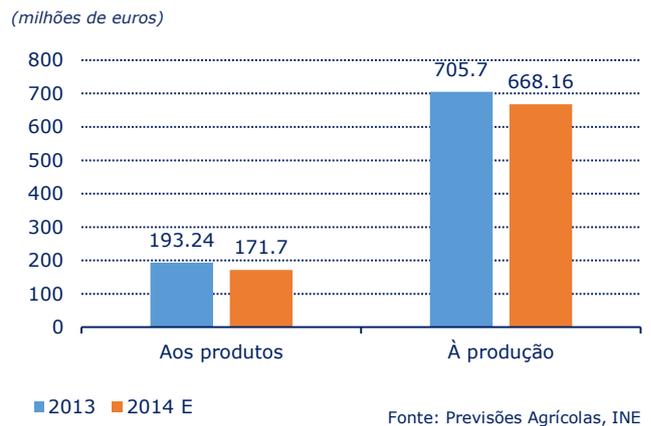
De acordo com as Contas Económicas da Agricultura (CEA) do INE, a primeira estimativa para 2014 indica que a actividade agrícola registou uma performance negativa em relação ao ano anterior.

- Em 2014, o rendimento (indicador A) agrícola por unidade de trabalho foi de -3.2% face ao ano anterior (em termos reais), resultante de uma contracção em termos nominais de 3.2% da produção agrícola, de 3.4% do consumo intermédio, de 5.3% nos outros subsídios à produção e de 3.1% do volume de mão-de-obra agrícola (VMOA), com repercussão directa na quebra de 2.8% do VAB e de 5.1% do rendimento dos factores (de referir que, a valores de 2013, o VAB agrícola representou 1.6% do VAB total nacional).

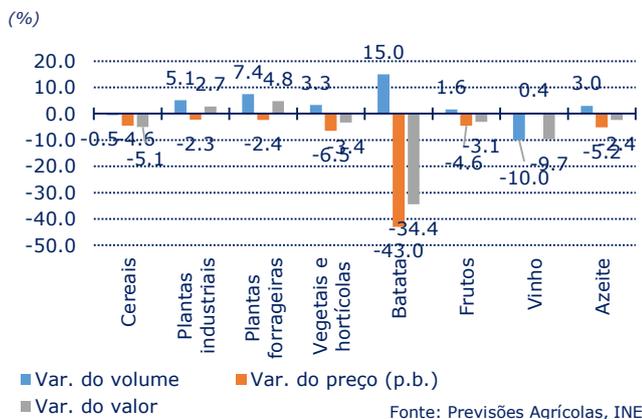
#### Variação da Produção, Consumo intermédio, VAB e Rendimento, em 2014



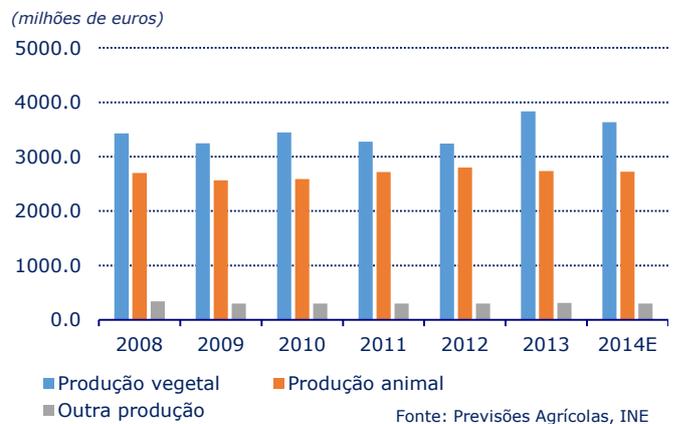
#### Evolução dos subsídios concedidos ao sector agrícola



#### Variação do Volume, Preço e Valor dos principais produtos da Produção vegetal, em 2014



#### Evolução da produção agrícola



- A diminuição estimada para a produção total a preços base do ramo agrícola resulta, sobretudo, do decréscimo dos preços em 4.0%, já que em volume é esperado um ligeiro aumento de 0.9%. A queda da produção vegetal foi superior à da produção animal, 5.2% versus 0.4%. Embora ambas tenham uma prestação positiva relativamente à variação de volume e negativa na variação de preço.

**OPINIÃO**

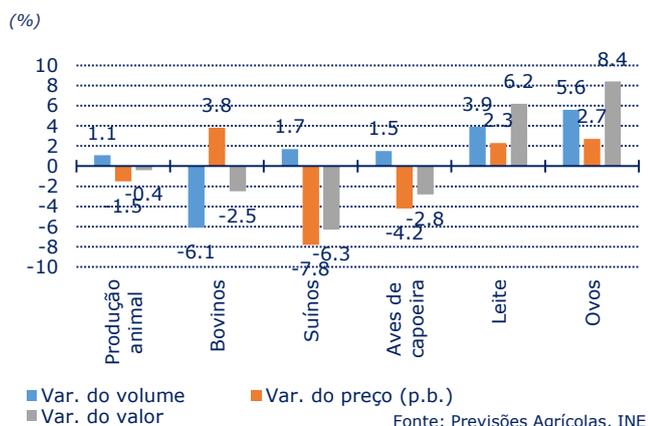
- A diminuição de 5.2% da produção vegetal, em termos nominais, é consequência da quebra do valor dos cereais (-5.1%), dos vegetais e produtos hortícolas (-3.4%), da batata (-34.4%), dos frutos (-3.1%) e do vinho (-9.7%). Em volume, só os cereais (-0.5%) e o vinho (-10.0%) verificaram uma diminuição da produção, os restantes produtos registaram aumentos.

- Desde 2008, a produção vegetal registou um aumento de 6.0%, que compara com a expansão de apenas 1.0% da produção animal.

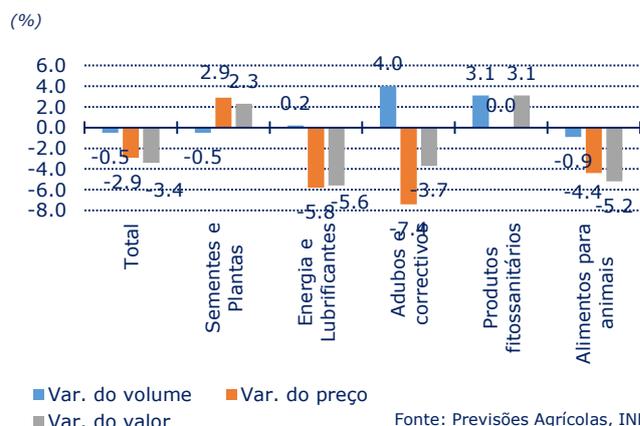
- Para 2014, a perspectiva é de que a produção animal a preços de base deverá registar um decréscimo em termos nominais de 0.4%, resultante de quebras de 2.5% nos bovinos, de 6.3% nos suínos e de 2.8% nas aves. Estima-se que a produção animal aumente 1.1% em volume e diminua 1.5% em termos de preço.

- Evolução contrária devem registar o leite e os ovos tanto em termos nominais, como em termos de volume e de preço. O leite e os ovos deverão crescer em valor 6.2% e 8.4%, respectivamente.

**Variação do Volume, Preço e Valor dos principais produtos da Produção animal, em 2014**

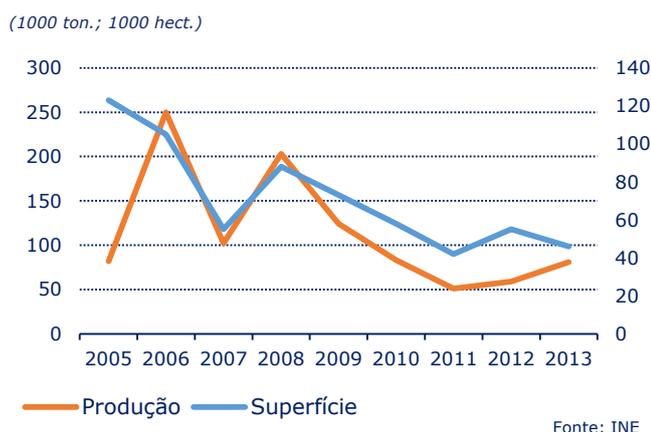


**Variação do Volume, Preço e Valor de algumas rubricas do Consumo intermédio, em 2014**

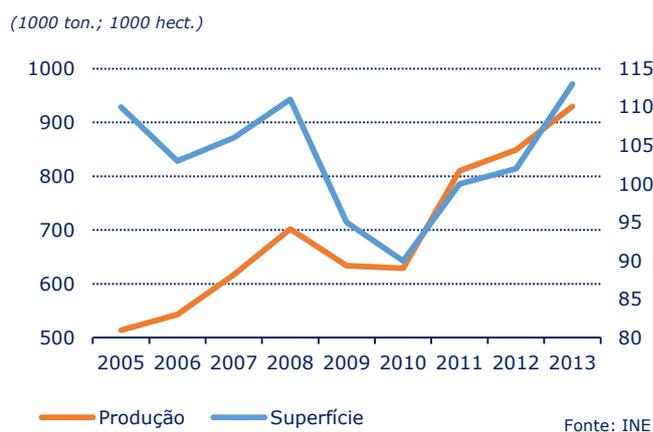


- Em termos globais, o consumo intermédio terá decrescido em 2014 tanto em termos de volume, preço e, por conseguinte, de valor. Ou seja, nominalmente estima-se uma diminuição de 3.4%. Terá contribuído para esta evolução a quebra tanto em volume como em preço dos alimentos para animais (-0.9% e -4.4%, respectivamente), para além da expressiva queda do preço tanto de adubos e correctivos (-7.4%) como de energia e lubrificantes (-5.8%).

**Produção de Trigo**



**Produção de Milho**



- Tem sido notória a queda da produção de trigo ao longo dos últimos anos, assim como o solo utilizado, confirmando que não é uma cultura estratégica (ou não é considerada estratégica para os produtores), embora a sua escassez implique o recurso à importação. Em 2013, foram produzidas 81 mil toneladas de trigo numa superfície de 46 mil hectares. Entre 2005 e 2013, a produção de trigo verificou uma queda de pouco mais de 1% e o solo utilizado caiu perto de 63%.

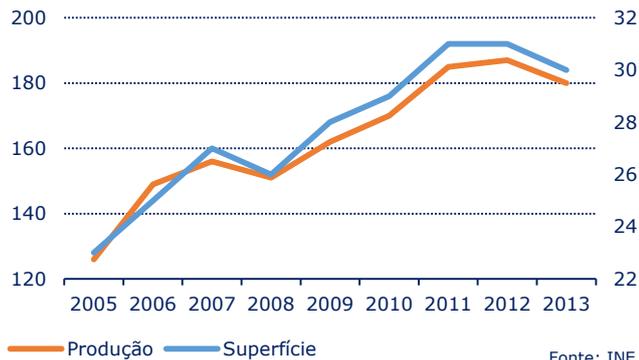
- Inversamente, a produção de milho tem vindo a bater sucessivos recordes. Internamente, nunca se produziu tanto milho, assim como a utilização do solo tem vindo a aumentar progressivamente nos últimos três anos. A cultura do milho foi uma aposta dos agricultores portugueses, que tem proporcionado bons rendimentos (embora o preço tenha estado a cair nos últimos

dois anos, encontrando-se presentemente mais estável). Em 2013 chegou-se a 930 mil toneladas e a uma superfície de cultivo de 112 mil hectares. De 2005 a 2013, a produção de milho aumentou 81%, enquanto o solo utilizado aumentou apenas 3%.

- A produção de arroz alcançou recentemente um nível máximo, mas em 2013 mostrou sinais de regressão. Do mesmo modo, diminuiu a superfície cultivada após o registo de um valor máximo. Em 2013, chegou-se às 180 mil toneladas (menos 3.7% do que no ano anterior) e a 30 mil hectares de terreno ocupado. Comparativamente a 2005, verificou-se um aumento de 43% da produção e cerca de 30% da área cultivada. De facto, também a produção de arroz se tem mostrado uma cultura charneira.

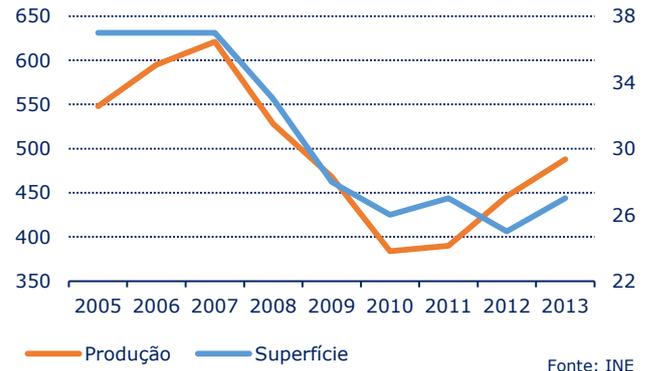
### Produção de Arroz

(1000 ton.; 1000 hect.)



### Produção de Batata

(1000 ton.; 1000 hect.)

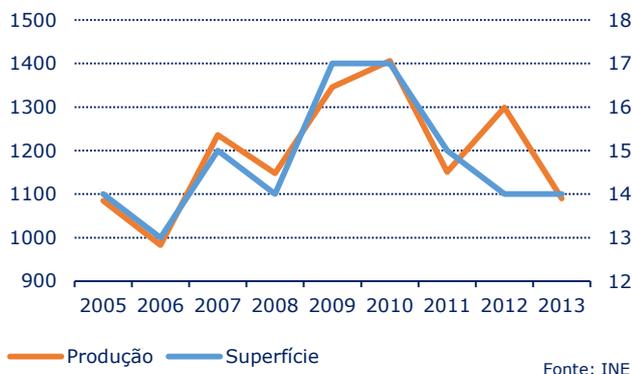


- Na produção da batata assiste-se a uma recuperação depois da queda da produção ocorrida nos últimos anos. Em 2013, foram produzidas 488 mil toneladas em 27 mil hectares de terreno (mais 9% e 8%, respectivamente). Desde 2005, a produção caiu perto de 11% e a superfície cultivada regrediu 27%.

- Depois do pico em 2010, verificou-se uma diminuição da produção nos anos seguintes, assim como a utilização da área cultivada, o que sugere mesmo uma maior adequação às necessidades internas e externas (o tomate para o indústria, igualmente o transformado, é um dos produtos exportados com maior sucesso). Os valores actuais são semelhantes aos verificados em 2005, por isso, na comparação com esse ano, a produção aumentou apenas 0.5% e a superfície usada para cultivo manteve-se inalterada. Já em relação ao ano anterior, a produção de 2013 decaiu 16%, tendo-se mantido a dimensão da área cultivada, mostrando uma nítida perda de produtividade (1 090 mil toneladas em 14 mil hectares). Ocorreram factores que proporcionaram esta situação: humidade e calor em vários momentos do cultivo e formação do fruto, originando uma percentagem de desperdício superior ao normal.

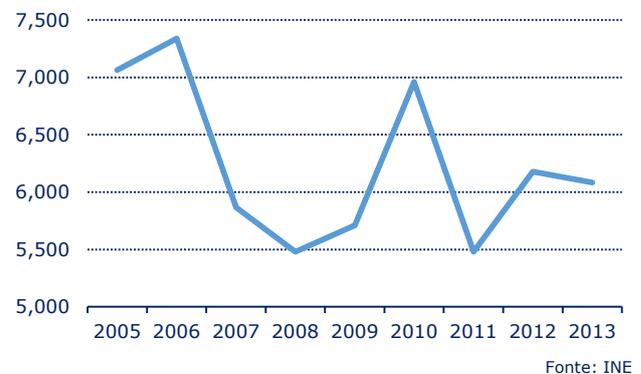
### Produção de Tomate para a indústria

(1000 ton.; 1000 hect.)



### Produção de Vinho

(1000 hectolitros)



- Na produção de vinho, tem-se assistido a alguma volatilidade ao longo dos últimos anos, embora pareça que se tende para um certo equilíbrio. A tendência neste sector tem sido igualmente de melhoria da qualidade do produto final em detrimento da quantidade. Assim, em 2013 foram produzidos 6 084 mil hectolitros de vinho (menos 13.9% do que em 2005 e menos 1.5% face a 2012), em linha com a média do último quinquénio.

**OPINIÃO**

- O aumento da produção de azeite tem sido crescente nos últimos anos, batendo sucessivos recordes, numa dinâmica que se destaca no sector agrícola. Em 2013, embora tenha ocorrido dificuldades na colheita da azeitona (a saturação dos solos dificultou o acesso de pessoas e máquinas aos olivais), a produção de azeite registou um significativo aumento em relação à campanha anterior (55.0%), tendo alcançado 1 milhão de hectolitros. Para além de condições climatéricas e fisiológicas favoráveis, ocorreu a entrada em plena produção de novas áreas de olivais intensivos. De referir que, de 2005 a 2013, a produção de azeite verificou um aumento de 214.5%! Por outro lado, a região do Alentejo é responsável por 70% da produção.

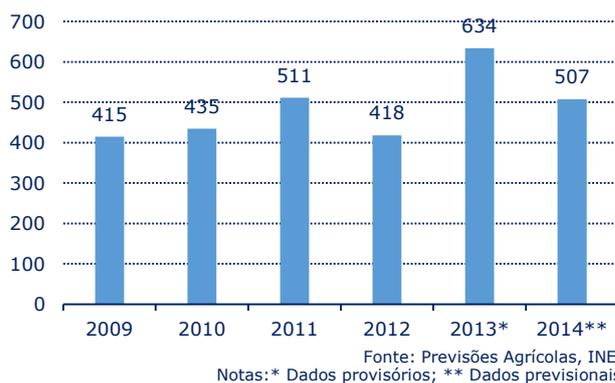
**Produção de Azeite**

(1000 hectolitros)



**Produção de azeitona para azeite**

(1000 toneladas)

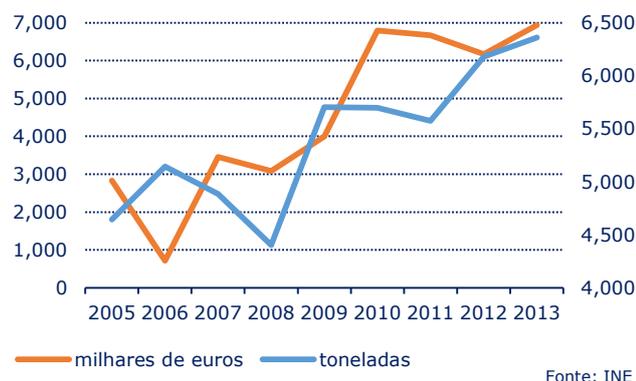


- Entretanto é esperada uma menor produção de azeite em 2014 devido à diminuição da produção de azeitona para azeite, segundo os dados previsionais divulgados pelo INE.

- Existe interesse em destacar a tendência crescente de produção de resina que, durante décadas, tornou-se praticamente residual. A este fenómeno não será estranho o valor que este produto tem vindo a alcançar ao longo dos últimos anos, resultante de preços elevados nos mercados internacionais (acima de 1 euro o kilo) e de uma crescente procura (é matéria-prima das indústrias de diluentes, vernizes e colas). Em 2013, a produção em volume e em valor alcançou valores recorde, 6 360 toneladas e 6.9 milhões de euros (face a 2012, foi mais 2.9% e 12.4%, respectivamente). Em comparação aos números de 2005, regista-se um aumento de 36.9% em volume e de 145.1% em valor.

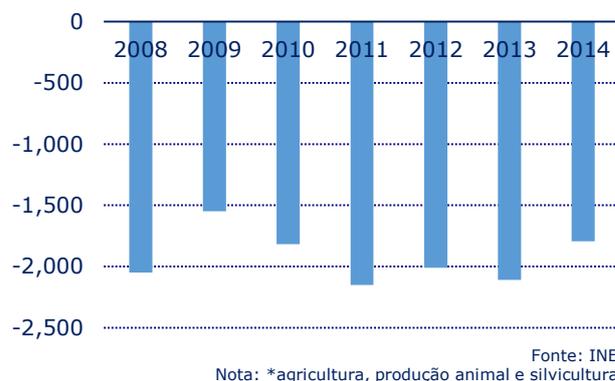
**Produção de Resina**

(milhares de euros; toneladas)



**Evolução do saldo comercial externo do ramo agrícola\***

(milhões de euros)



- A balança comercial do ramo agrícola (agricultura, produção animal, caça e silvicultura) registou uma significativa melhoria em 2014, embora permaneça deficitária. Assim, em 2014, o défice da balança comercial agrícola foi de 1.8 mil milhões de euros, menor que o défice de 2.1 mil milhões de euros registados em 2013. Entre 2011 e 2013, o défice do ramo agrícola foi sempre superior a 2 mil milhões, e é necessário recuar a 2009 para se encontrar o melhor valor dos últimos anos, 1.5 mil milhões de euros. A taxa de cobertura das importações pelas exportações em 2013 foi de 30.8%, tendo melhorado para 37.1% em 2014.

- Em 2014, as exportações agrícolas foram de 1 058 milhões de euros (2.2% do total de exportações) e as importações de 2

852 milhões de euros (4.8% do total de importações). Estes valores não incluem o sector agro-alimentar que cresce mais de 4 mil milhões de euros às importações e perto de 3 mil milhões à exportações.

- Espanha permanece o principal fornecedor de produtos agrícolas e agro-alimentares, representando 46.9% do valor total das importações nacionais em 2013. Seguiram-se a França (9.9%), o Brasil (6.2%) e a Alemanha (4.8%). Os principais clientes dos produtos portugueses foram a Espanha (38.1%), Angola (12.1%), França (9.6%) e Brasil (6.3%).

- Dos valores de 2013, confirma-se a importância económica da cortiça, dos vinhos, da conserva de tomate, da cerveja e do azeite. Também destacam-se as vendas de pêras, laranjas e de enchidos. Inversamente, regista-se a forte dependência nacional de cereais e de açúcar, embora a produção de milho e de arroz estejam em níveis máximos (mesmo assim, a produção não chega para as necessidades do país).

### Importação e exportação de produtos relevantes, 2013

milhares de euros

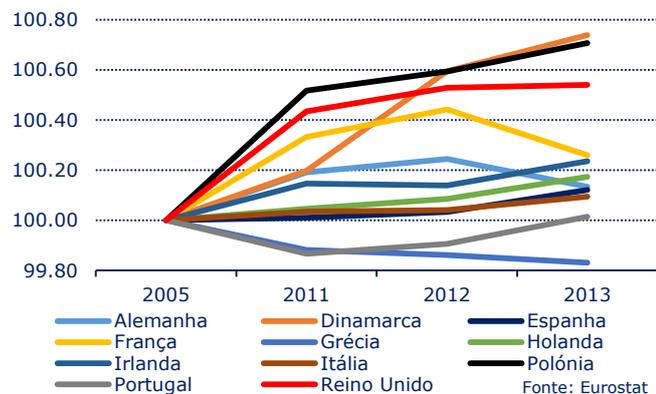
Nomenclatura	Impor- tação	Expor- tação	Saldo
0805.10 - Laranjas	43,052	46,939	3,887
0808.30/40 - Pêras e marmelos	15,219	68,112	52,893
1001 - Trigo	260,073	2,156	-257,917
1005 - Milho	371,731	8,086	-363,645
1006 - Arroz	49,785	15,729	-34,056
1509 - Azeite	282,281	343,714	61,433
1601 - Enchidos	33,501	85,354	51,853
1701 - Açúcar	280,623	161,369	-119,254
2002 - Conserva tomate	12,979	193,456	180,477
2203 - Cerveja de malte	25,866	199,768	173,902
2204 - Vinhos e mosto	122,151	724,695	602,544
44 - Madeira e carvão vegetal	550,111	685,838	135,727
45 - Cortiça e suas obras	135,719	836,165	700,446

Fonte: INE, Estatísticas Agrícolas 2013.

### Comparações na União Europeia

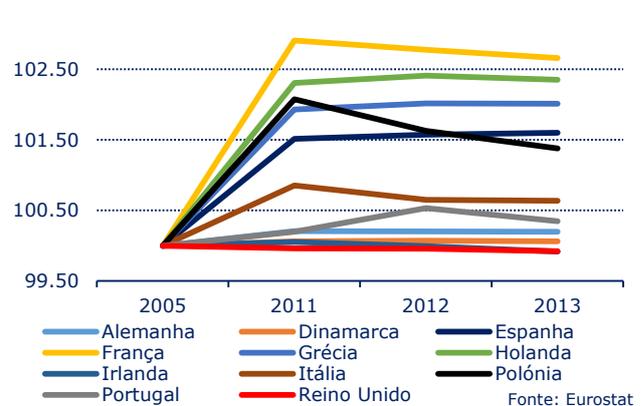
#### Variação do VAB a custo de factores

(base 100=2005)



#### Variação dos subsídios totais

(base 100=2005)

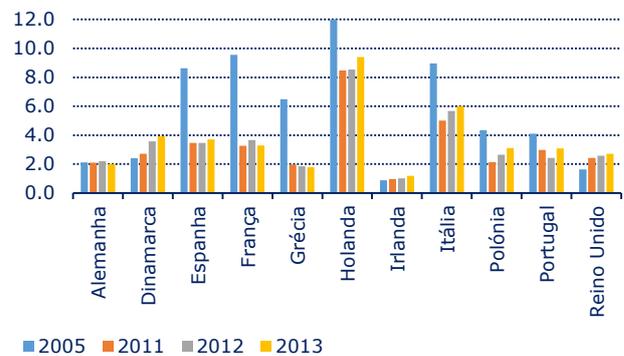


- O VAB a custo de factores do sector agrícola na UE28 foi estimado em 157.6 mil milhões de euros, em 2013. A França e a Itália lideram o grupo de países em análise com valores idênticos, perto de 27 mil milhões de euros. Logo de imediato surge a Espanha com 23 mil milhões de euros. Contudo, se se considerar 2005 como o ano de base 100, é de destacar o significativo percurso e recuperação da Dinamarca, Polónia e Reino Unido. Nos países mais fracos é visível a divergência entre Portugal e Grécia: o primeiro mostra uma recuperação nos últimos anos, enquanto o segundo regista o movimento contrário. Segundo os dados do Eurostat, Portugal tem um VAB de 2.2 mil milhões de euros.

- Nos subsídios, genericamente quem recebe mais é quem regista os maiores níveis de produção: França, Alemanha, Itália e Espanha. De acordo com a contabilização da totalidade dos subsídios em 2013, a França recebeu 8.2 mil milhões de euros, seguindo-se a Alemanha com 7.2 mil milhões, Espanha com 6.1 mil milhões e Itália com 4.4 mil milhões. Portugal recebeu 723 milhões de euros em 2013. Se a análise for efectuada con-

#### Unidades de VAB por 1 unidade de subsídio

(milhões de euros)



## OPINIÃO

siderando 2005 como o ano base, registou-se um aumento significativo nos subsídios obtidos pela França, Holanda e Grécia, embora se verifique uma estabilização nos últimos anos.

- De acordo com a análise das unidades de VAB por unidade de subsídio recebido, verifica-se que em 2005, Holanda, França, Espanha e Itália são quem mais gerou riqueza. Nos últimos anos, estes países continuam a manter este rácio elevado (embora mais modesto face a 2005). Portugal mostra boa figura, encontrando-se acima de países como a Alemanha, Reino Unido, Irlanda e Grécia.

- De acordo com os valores do rendimento da agricultura (importante para se aferir a viabilidade do sector), França e Alemanha mostram uma performance negativa, que contrasta com os ganhos obtidos pela Holanda, Espanha e Itália. No grupo dos países territorialmente mais pequenos, Portugal destaca-se ao obter rendimento, enquanto Grécia, Polónia e Irlanda acumularam prejuízo entre 2012 e 2013. A variação da UE28 foi de -1.2% versus os +4.3% de Portugal.

## Total de mão-de-obra agrícola, 2013

	1000 pessoas		
	2013	Peso %	Var. 2005-13 %
<b>UE 28</b>	10,062	100.0	-21.8
Alemanha	508	5.0	-12.8
Dinamarca	53	0.5	-16.2
Espanha	865	8.6	-14.9
França	781	7.8	-14.0
Grécia	384	3.8	-36.7
Holanda	168	1.7	-13.7
Irlanda	166	1.6	11.4
Itália	1,067	10.6	-14.1
Polónia	2,101	20.9	-8.3
Portugal	354	3.5	-19.0
Reino Unido	295	2.9	-2.9

Fonte: Eurostat.

## Rendimento agrícola, 2012/2013

(2005=100)



## Valores da produção agrícola e peso das várias componentes, %, 2014\*

Países	Valor total da prod. agrícola milhões €	Produção vegetal	Cereais	Hortícolas, vegetais e fruta	Produção animal	Carne	Leite	Outros**
<b>UE 28</b>	392,281	<b>52</b>	13	21	<b>43</b>	25	16	5
Alemanha	51,032	<b>47</b>	13	11	<b>49</b>	24	23	4
Dinamarca	10,465	<b>32</b>	11	8	<b>63</b>	36	19	5
Espanha	41,103	<b>60</b>	8	35	<b>39</b>	29	8	1
França	70,584	<b>56</b>	14	13	<b>38</b>	23	14	6
Grécia	9,699	<b>69</b>	8	39	<b>27</b>	14	11	4
Holanda	26,752	<b>48</b>	1	41	<b>42</b>	20	19	10
Irlanda	7,387	<b>25</b>	4	5	<b>70</b>	41	28	6
Itália	48,350	<b>55</b>	9	28	<b>34</b>	21	11	11
Polónia	22,562	<b>47</b>	18	17	<b>51</b>	29	18	2
Portugal	6,492	<b>56</b>	4	35	<b>42</b>	27	12	2
Reino Unido	30,575	<b>38</b>	15	15	<b>58</b>	36	18	4
Roménia	15,486	<b>73</b>	25	29	<b>26</b>	13	7	1

Fonte: Eurostat

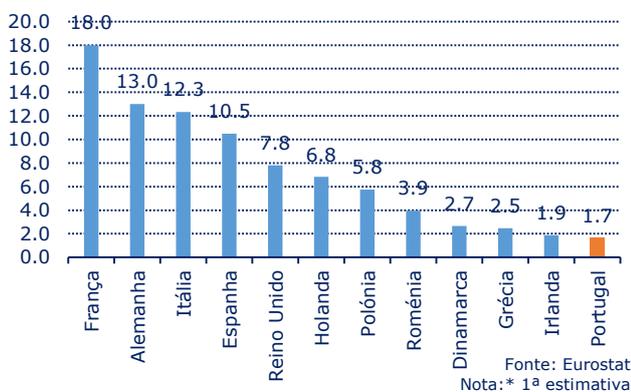
Notas: \*primeira estimativa; \*\*inclui serviços agrícolas e actividades secundárias

- A variação da mão-de-obra afecta à agricultura de 2005 a 2013 foi negativa dentro do grupo de países em análise, com excepção da Irlanda. A Grécia é o país que mais perdeu mão-de-obra em quase uma década, -36.7%, seguindo-se Portugal com -19.0%. A UE28 perdeu no seu conjunto perto de 22%. Dentro dos grandes produtores, a Itália concentra 10.6% da mão-de-obra da UE28, seguindo-se a Espanha com 8.6% e a França com 7.8%. A Alemanha detém 5.0% do total. A mão-de-obra portuguesa representa 3.5%. Por seu turno, a Polónia absorve 20.9% do total.

- Com base em estimativas elaboradas pelo Eurostat para 2014, a produção vegetal (colheitas) na UE28 representam 52% do valor total da produção agrícola, enquanto a produção animal é responsável por 43%. Da lista de países considerados relevantes (escolhemos os 11 mais importantes em termos agrícolas + Portugal), pode-se fazer a seguinte distinção: nos países do Sul da Europa a produção vegetal tem maior expressão do que a produção animal; a situação inversa acontece nos países do Centro e do Norte da Europa. Na UE28 deve-se realçar a importância da produção de hortícolas, vegetais e fruta e de Carne, comparativamente aos Cereais e ao Leite. Os valores de Portugal são muito semelhantes aos valores da UE28.

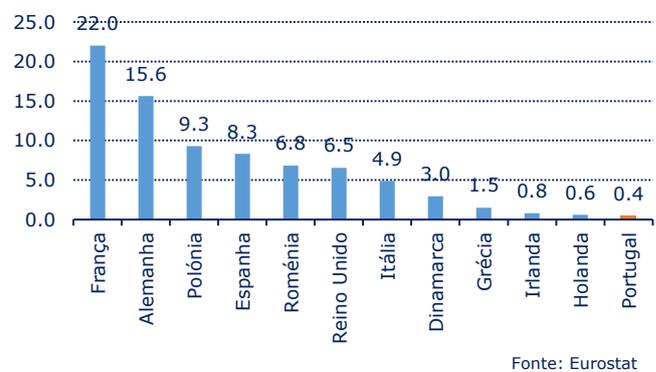
#### Produção agrícola total - peso por país, 2014\*

(% do valor na UE28)



#### Produção de cereais - peso na UE-28, 2013

(% do volume em toneladas)

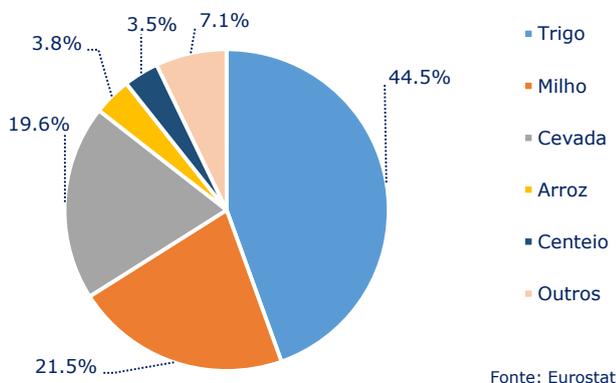


- A França é responsável por 18% do valor total da produção agrícola estimada para a UE28 em 2014, que é de 392 281 milhões de euros. Seguem-se a Alemanha com 13%, a Itália com 12.3% e Espanha com 10.5%. Estes 4 países são responsáveis por 53.8% do total. Por outro lado, estas 12 economias representam 86.9%. Com 1.7%, Portugal ocupa a 14ª posição dentro da UE28.

- Em termos da colheita de cereais em 2013, a UE28 produziu 305.7 milhões de toneladas, cabendo à França 22%, seguindo-se a Alemanha com 15.6%, a Polónia com 9.3% e a Espanha com 8.3%. Estes 4 países produziram 55.2% do total.

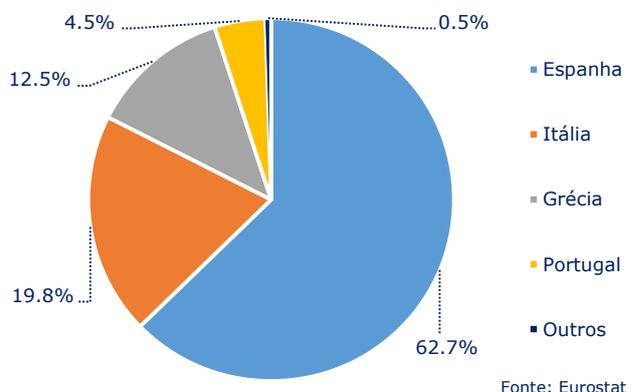
#### UE - Produção dos principais cereais, 2013

(% da produção em toneladas)



#### UE - Produção de azeite e de azeitonas, 2013

(% da produção em toneladas)



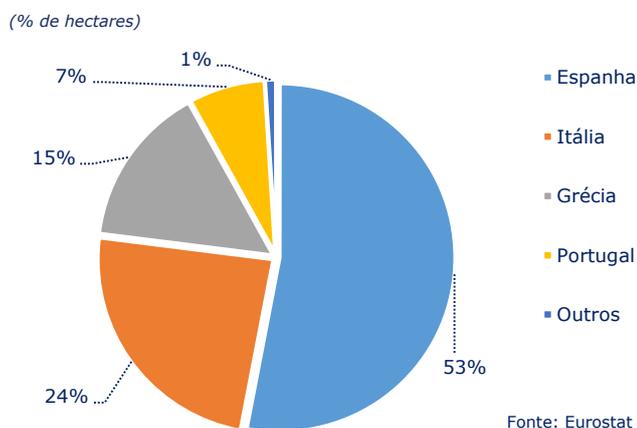
- Na produção vegetal, do total de 305.7 milhões de toneladas de cereais, 44.5% foi produção de Trigo, 21.5% de Milho, 19.6% de Cevada, 3.8% de Arroz e 3.5% de Centeio.

- Segundo o Eurostat, do total de 14 milhões de toneladas de produção de azeite e de azeitonas na UE28, a Espanha contribui com 62.7%, sendo de longe o principal produtor. Seguem-se a Itália com 19.8%, a Grécia com 12.5% e Portugal com 4.5%. Estes 4 países representam perto de 100% da produção total.

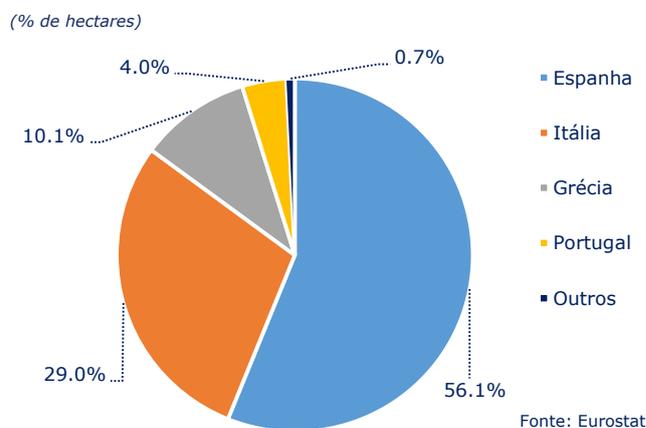
**OPINIÃO**

- Semelhantes são os valores da repartição relativa da área de olival na UE28 em 2012, que totaliza 4.65 milhões de hectares. Espanha lidera com 53% do total de hectares, seguindo-se a Itália com 24%, a Grécia com 15% e Portugal com 7%, confirmando a concentração do olival na bacia do Mediterrâneo.

**UE - Repartição da área de olival, 2012**



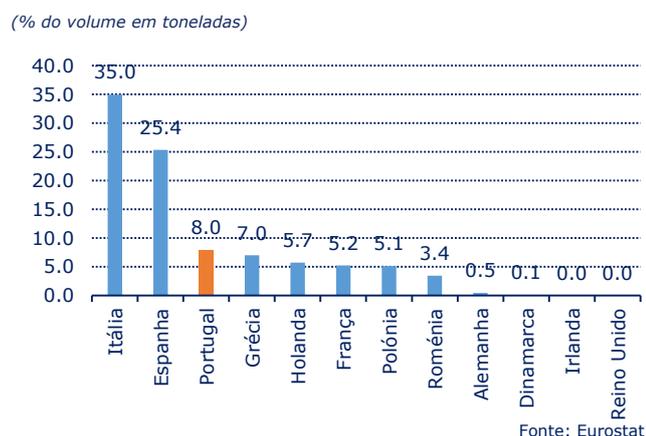
**UE - Área de laranjais, 2012**



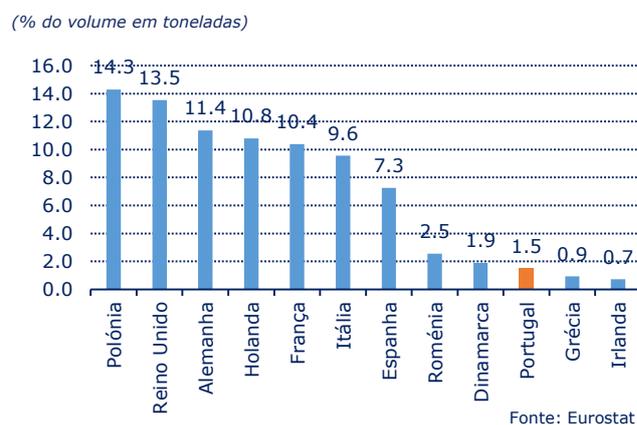
- Outro produto oriundo do Mediterrâneo e circunscrito a essa região são as laranjas. Relativamente à área ocupada pelos laranjais, em termos relativos, a Espanha representa 56.1%, seguindo-se a Itália com 29.0%, a Grécia com 10.1% e Portugal com 4.0%. Em 2012, a área total era de 267.3 mil hectares (a Portugal corresponde 10.7 mil hectares).

- Na produção de tomate, produto líder nacional, sendo um dos campeões de exportação, Portugal ocupa a 3ª posição na lista dos principais produtores da UE28, embora a grande distância dos dois primeiros. De facto, segundo dados de 2013, das 14.9 milhões de toneladas produzidas, 35% ocorreram em Itália, 25.4% em Espanha, 8% em Portugal e 7% na Grécia.

**Produção de tomate - peso na UE-28, 2013**



**Produção de Cenoura - peso na UE-28, 2013**

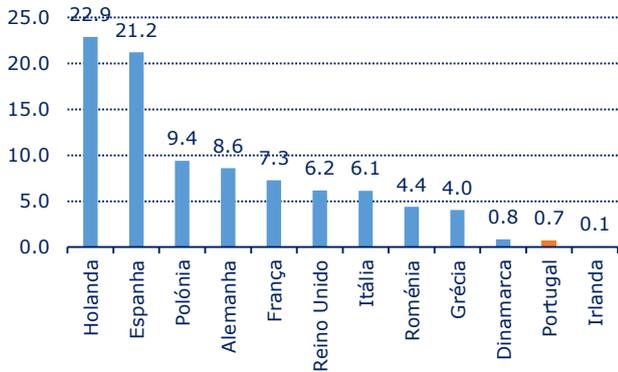


- Relativamente a outro tipo de vegetais, a posição de Portugal é bem mais modesta, dadas também as limitações territoriais do país. No caso da cenoura, das 5.1 milhões de toneladas produzidas na UE28 em 2013, 1.5% têm origem em Portugal, perto do final da lista dos maiores produtores. A Polónia é o país que mais produz cenoura, com uma quota de 14.3%, seguindo-se o Reino Unido com 13.5%, a Alemanha com 11.4% e a Holanda com 10.8%.

- No caso da cebola, Holanda e Espanha dominam destacadamente a produção, comum peso relativo de 22.9% e 21.2%, respectivamente. Do total de 5.7 milhões de toneladas produzidas na UE28, Portugal é responsável por apenas 0.7%, encontrando-se no final da lista de países escolhidos para esta análise.

**Produção de Cebola - peso na UE-28, 2013**

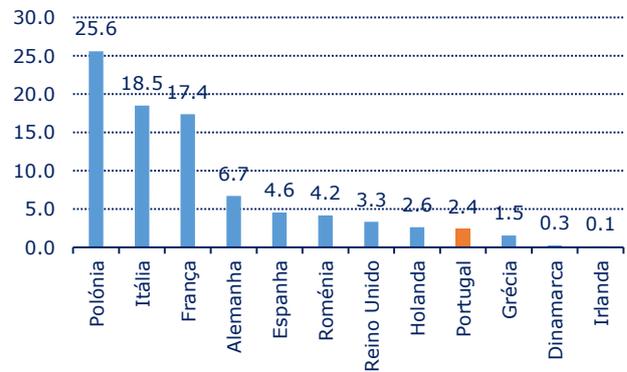
(% do volume em toneladas)



Fonte: Eurostat

**Produção de Maçãs - peso na UE-28, 2013**

(% do volume em toneladas)



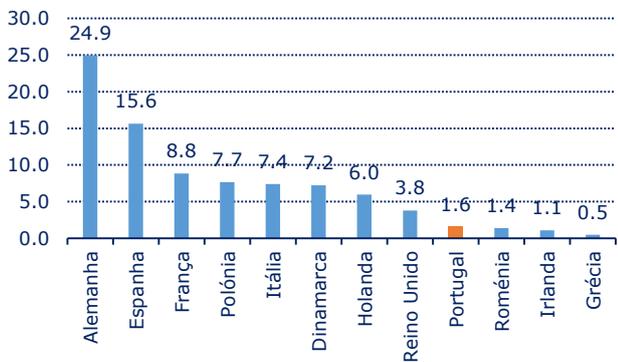
Fonte: Eurostat

- No caso de uma das principais frutas produzidas na Europa, a maçã, existe uma concentração entre a Polónia (25.6%), a Itália (18.5%) e a França (17.4%). Em 2013, estes 3 países representaram 61.4% da produção total. Portugal, por seu turno, teve uma quota de 2.4%. De referir que a maçã é uma fruta que pode ser directamente consumida, mas tem igualmente uma grande importância para a indústria transformadora de sumos e bebidas.

- Na produção animal na UE28, destaca-se a carne de porco, que representou 52.3% em 2013. Alemanha e Espanha lideraram com quotas de 24.9% e 15.6%, respectivamente, em relação ao total de 21.9 milhões de toneladas. Portugal situou-se no grupo de menor representatividade, ainda assim com uma quota de 1.6%.

**Produção de carne de porco - peso na UE-28, 2013**

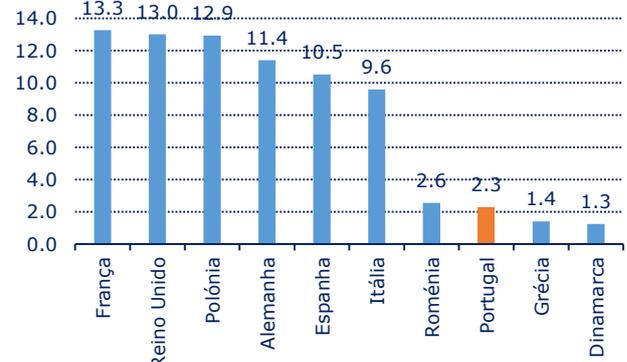
(% do volume em toneladas)



Fonte: Eurostat

**Produção de aves - peso na UE-28, 2013**

(% do volume em toneladas)



Fonte: Eurostat

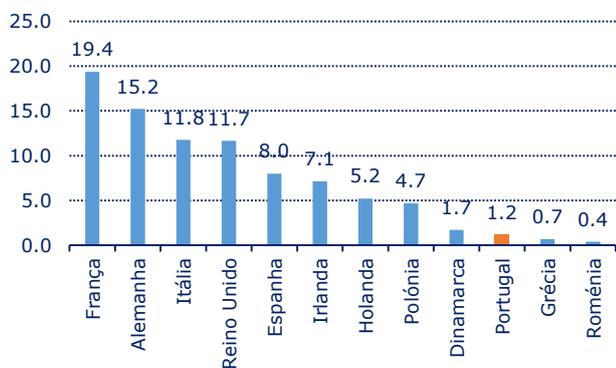
- Por sua vez, a produção de aves representou 30.4% do total animal na UE28, com 12.8 milhões de toneladas. A liderança na produção é repartida pela França (13.3%), Reino Unido (13.0%) e Polónia (12.9%). Portugal mostra uma quota de 2.3%.

**OPINIÃO**

- A produção de carne bovina surge em terceiro lugar na UE28, com 7.3 milhões de toneladas. Em 2013, lideraram a produção a França com 19.4% e a Alemanha com 15.2%. A produção nacional teve uma quota europeia de 1.2%.

**Produção de carne de vaca - peso na UE-28, 2013**

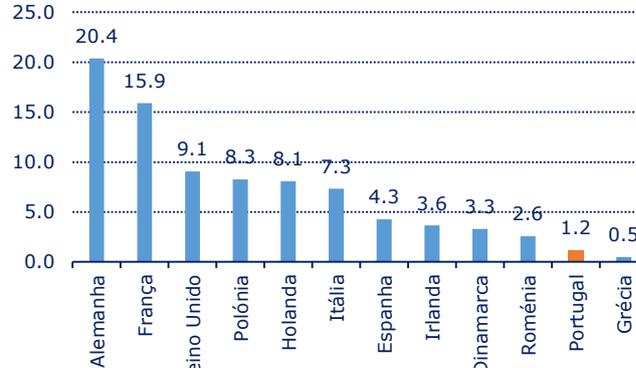
(% do volume em toneladas)



Fonte: Eurostat

**Produção de leite de vaca - peso na UE-28, 2013**

(% do volume em toneladas)



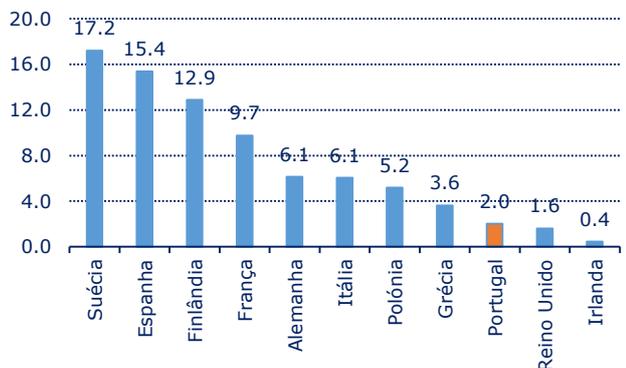
Fonte: Eurostat

- Em relação à produção de leite (medida em toneladas), Alemanha e França voltam a liderar com quotas de 20.4% e 15.9%, respectivamente. A produção total na UE28 foi de 153.8 milhões de toneladas. Portugal registou uma quota de 1.2%.

- O UE28 é responsável por cerca de 5% da floresta mundial e, ao contrário da tendência de diminuição verificada em várias áreas do mundo, mostra um movimento de subida gradual ao longo dos últimos anos. Segundo dados de 2010, a dimensão da floresta europeia e de outros terrenos arborizados corresponde aproximadamente a 180 milhões de hectares, representando 42.4% da globalidade do território (a agricultura ocupa perto de 40%).

**Floresta e outros terrenos arborizados - peso na UE-28, 2010**

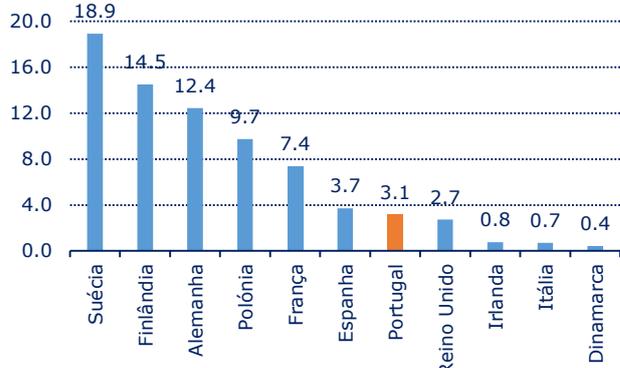
(% do total de hectares)



Fonte: Eurostat

**Toros de madeira para a indústria - peso na UE-28, 2013**

(1000 m³)



Fonte: Eurostat

- A Suécia e a Finlândia têm mais de ¼ do seu território coberto por floresta. Assim, a Suécia recolhe o recorde de 17.2% da floresta e de outros terrenos arborizados da UE28, seguindo-se a Espanha com 15.4% e a Finlândia com 12.9%. Portugal possui 2.0% da floresta europeia.

- Segundo o Eurostat, dentro da UE28, Portugal é o país onde a floresta é praticamente detida por privados, 98.4%, quando o valor médio ronda os 60%. Em contraste, na Polónia menos de 20% da floresta é privada.

- Um dos principais produtos obtidos na floresta são os toros de madeira para a indústria, representando cerca de 90% do total de toros retirados da floresta. Do total de 338 milhões de m3 de toros para a indústria, a Suécia e a Finlândia têm quotas de 18.9% e 14.5%, respectivamente, seguindo-se a Alemanha com 12.4% e a Polónia com 9.7%. Em 2013, Portugal representava 3.1% do total.

**VAB a preços de base da actividade florestal e madeireira, 2012**



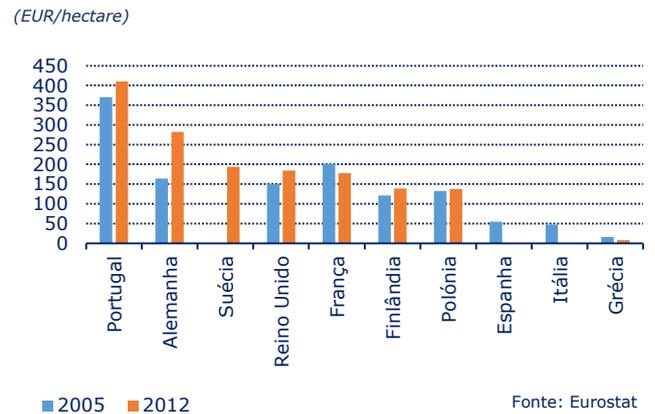
**Formação Bruta de Capital Fixo, 2012**



- De acordo com os dados relativos ao VAB gerado em 2012 confirmam-se que a Suécia, a Alemanha, a Finlândia e a França são os países líderes no sector da floresta europeia. Para além da informação do VAB, são igualmente os países que mais investimento (FBCF) geram. Devendo se acrescentar a Polónia, enquanto Portugal se encontra ao nível de Espanha.

- Mas a surpresa surge com o cálculo do VAB por área florestal disponível. Portugal lidera com o maior rácio dentro do grupo de países em que a floresta tem maior peso económico, confirmando um alto grau de produtividade e de criação de riqueza neste sector. Nos lugares seguintes surgem a Alemanha e a Suécia.

**VAB por área florestal disponível**



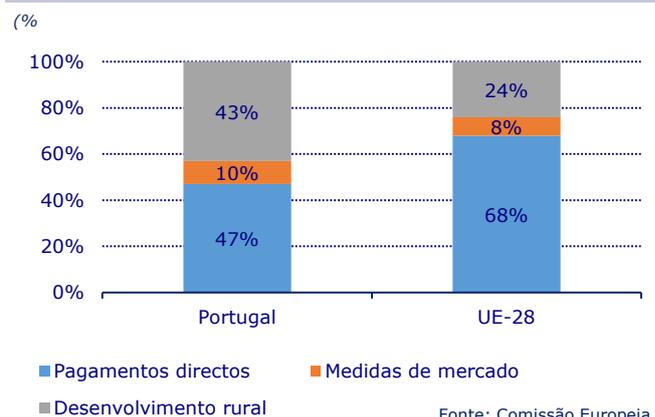
**Conclusão**

- A partir de 2014 e até 2020 surgiu, no quadro da PAC (Política Agrícola Comum da União Europeia), o Programa de Desenvolvimento Rural (PDR2020), onde cada país escolhe as medidas mais adequadas às suas necessidades específicas, sendo igualmente o único responsável pela gestão dos programas nesta área, entretanto postos em prática. Neste âmbito, a UE assegura parte dos custos numa dinâmica de co-financiamento. Os fundos provêm do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER), mas também é possível assegurar financiamento através do Fundo Europeu do Desenvolvimento Regional (FEDER), do Fundo Social Europeu (FSE), do Fundo de Coesão e do Fundo Europeu para os Assuntos Marítimos e as Pescas (FEAMP), inseridos na estratégia Europa 2020 (crescimento sustentável, inteligente e inclusivo).

- Entretanto, uma nova reforma da PAC entrou em vigor a partir de 2014, trazendo novas práticas: os pagamentos directos aos agricultores, apoiando os seus rendimentos (instabilidade dos preços e valorizar o serviço público que prestam, nomeadamente na protecção do ambiente); os mecanismos de gestão de mercados serão mais simples, eficientes e rápidos; política de desenvolvimento rural virada para a promoção da inovação e da competitividade.

- Acredita-se que com a nova reforma da PAC, o "modelo" de distribuição de subsídios seguido pela média da UE28 será acompanhado por Portugal. Ou seja, passar a contemplar uma maior percentagem de pagamentos directos aos agricultores. Segundo os dados da Comissão Europeia, durante o programa quinquenal 2008-2013 da PAC, do total de subsídios recebidos por Portugal, 47% foram pagamentos directos, enquanto 43% foram para o Desenvolvimento rural e 10% destinado a medidas

**Distribuição dos subsídios da PAC (2008-2013)**



## OPINIÃO

de mercado. Na totalidade da UE28, a relação foi diferente: 68% dos subsídios foram pagamentos directos aos agricultores, 24% destinaram-se ao Desenvolvimento rural e 8% às medidas de mercado.

- Relativamente à recente evolução do sector agrícola em Portugal, deve-se destacar o seguinte: em termos da gestão da superfície agrícola utilizada (SAU), a dimensão média das explorações agrícolas aumentou 14.6% de 2009 a 2013, passando de 12.0 hectares para 13.8 hectares; 37% das explorações (o valor com maior expressão) praticam culturas permanentes, onde 11.3% do total nacional são vinha, 10.4% referem-se a fruta fresca, casca rija e citrinos e 8.4% representam olival; o Alentejo, dada a sua extensão e diversidade concentra 67.8% das pastagens permanentes, 58.2% das terras aráveis e 38.5% das culturas permanentes, não havendo região igual, a par das espanholas e as do centro e norte da Europa; entre 2009 e 2013, a importância de cada espécie animal manteve-se sem alteração significativa: os ovinos registam a maior dimensão comparativamente aos restantes animais (36.3% do efectivo total), com 2067 mil cabeças, seguindo-se os suínos com 1845 mil cabeças (32.4%), os bovinos com 1407 mil cabeças (24.7%) e os caprinos com 383 mil cabeças (6.7%); o Valor da Produção Padrão (VPP) e o Valor de Produção Padrão Total (VPPT) por Unidade de Trabalho Ano (UTA), assim como os indicadores laborais, mostram baixa produtividade da mão-de-obra agrícola comparativamente a outros países da UE28; embora tenha decaído a produção em termos absolutos em 2014, assim como o rendimento agrícola, tem havido uma aposta com relativo sucesso em produtos que oferecem maior rendimento e/ou que conseguem penetrar nos mercados internacionais: milho, arroz, tomate para a indústria, vinho, azeite, cortiça, laranjas, pêras e madeira (contando com o agro-alimentar, acrescenta-se a cerveja e os enchidos); a fileira florestal tem sido igualmente uma aposta ganha pelos produtores, já que se confirma o importante peso económico da floresta e os rácios mostram um alto grau de produtividade e de criação de riqueza.